



ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: Mitos e Verdades

Anderson Pereira Bezerra¹, Paulo Roberto de Jesus Silva², Francisco da Silva Paiva², Adriana Beserra Silva²,

¹Graduando em Licenciatura Plena em Ciências Agrárias pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão Campus Codó. E-mail: andersonpbezerra@gmail.com

²Orientadores do artigo. Professores do Quadro Efetivo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão Campus Codó. E-mail: francisco.paiva@ifma.edu.br; adriana.silva@ifma.edu.br; paulo.silva@ifma.edu.br

Resumo: A inserção de alunos portadores de altas habilidades/superdotação em escolas regulares de ensino ao dos anos teve um crescimento expressivo, porém em virtude de vários fatores entre os mais significativos que são: professores leigos na área da educação inclusiva, políticas públicas ineficientes, entre outras. Há um enorme potencial de intelecto se perdendo devido a conceitos mitificados no cotidiano escolar. O “diferente” às vezes causa certo receio, porém o professor não deve basear-se somente naquele cotidiano escolar dito “normal”. Diante destas e outras questões neste trabalho objetiva-se refletir sobre mitos e verdades referente à área de altas habilidades/superdotação, contribuindo no complexo processo de formação de professores em áreas da educação inclusiva como uma ferramenta, quase que singular, pois através do conhecimento mesmo que prévio, o professor poderá se qualificar para identificar, e possivelmente de preencher as lacunas, que tantos alunos público-alvo da Educação Especial necessitam. Quanto ao ensino destes alunos é preciso acabar com mitos que de certa maneira repercutem em sala de aula e, que verdades quanto à educação dos estudantes com altas habilidades ou superdotados devem ser desmistificados, a fim de se ter realmente uma educação única e igual para todos.

Palavras-chave: Altas habilidades/superdotação. Educação Inclusiva. Escola Regular

1. INTRODUÇÃO

O trabalho pedagógico com alunos com altas habilidades/superdotação exige, antes de qualquer coisa, acabar principalmente com dois mitos, que se tornam relevantes para a prática docente. O primeiro diz respeito à concepção que advoga que estes alunos são indivíduos de extraordinária potência intelectual com capacidade mental criadora, em qualquer sentido ou área.

O segundo mito emerge em função de importante parcela da população de pessoas com altas habilidades/superdotação terem uma alta capacidade de raciocínio, muitos docentes acreditam que estes estudantes são autodidatas natos, não demandando intervenções pedagógicas das escolas. Sabe-se que o cotidiano escolar, principalmente a sala de aula não deve ser um palco de discriminação e preconceitos e que exclusão não parta inicialmente pelo professor. Assim, o Brasil como uma das futuras potências mundiais deveria “investir” mais quanto à educação destes alunos fabulosos, que um dia poderão contribuir significativamente para uma sociedade mais tecnológica, inovadora, justa e igualitária.

Desta forma, primeiramente aborda-se sobre a prática docente em um contexto diferenciado, no momento de discussão e construção de escolas inclusivas. Em seguida propõe-se uma análise que contribua na desmistificação de conceitos sobre a área das altas habilidades/superdotação.

2. A PRÁTICA DOCENTE EM UM CONTEXTO DIFERENCIADO

O que é “diferente” no que se diz ser “normal” no cotidiano escolar quase sempre traz nos professores, uma idéia preconcebida em relação a seus alunos com altas habilidades/superdotação. Isto pode ser explicado, pela desinformação acerca do assunto em questão, ainda é preponderante uma visão rústica, que ao longo do tempo foi adaptando-se e distorcendo sobre o que realmente é inserção de estudantes com altas habilidades/ superdotação no ensino regular de escolas públicas e privadas.



Neste sentido, uma formação consistente sobre este tema aponta caminhos importantes para se ter conhecimento do despreparo que muitos professores têm quando se deparam em sala de aula, assim:

A formação do professor deve ser um processo contínuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio [...] Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de Educação estes profissionais têm-se dedicado. Trata-se de desencadear um processo coletivo que busque compreender os motivos pelos quais muitas crianças e adolescentes também não conseguem encontrar um “lugar” na escola. (PAULON; FREITAS; PINHO, 2005, p.21)

E não é colocando os ditos “diferentes” em escolas especiais de ensino, que vai resolver o problema da ineficácia do sistema educacional. “[...] deve o sistema educacional atender, de forma diferenciada, tanto aqueles com altas habilidades e talentos especiais como os que apresentam distúrbios de condutas e deficiência diversas” (ALENCAR, 2007, p.18). O professor como um agente do conhecimento não pode ficar acomodando-se a espera do Estado, deve começar por si mesmo traçando métodos, atualizando seus saberes quanto à prática educativa em um contexto diferenciado e proporcionando mesmo que pouco uma melhora na qualidade de ensino regular.

A exclusão de alunos dentro da educação especial brasileira tem início com as precárias condições de acesso à educação escolar. Atualmente, um aluno com altas habilidades/superdotado ao está matriculado em escola regular de ensino, necessariamente não vai garantir a inclusão do mesmo, entre outras coisas “[...] É preciso professores especializados para as salas de aulas regulares e para o atendimento educacional em salas de recursos ou em programas de enriquecimento ou de aprofundamento.” (DELOU, 2007, p.27).

É fácil verificar e constar que no atual sistema educacional brasileiro de ensino “[...] o ensino regular é direcionado para o aluno médio e abaixo da média [...]” (ALENCAR, 2007, p.17). O aluno com altas habilidades/superdotado acaba sendo posto de lado pelo próprio professor em sala de aula, pois o mesmo teme as perguntas, que mesmo sendo ainda criança pode colocar em dúvida o saber do mestre.

3. DESMISTIFICAÇÕES DE CONCEITOS SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Diferentemente do que se pensa a respeito das altas habilidades/superdotação, podemos entender a superdotação como “[...] um fenômeno multidimensional, agrega todas as características de desenvolvimento do indivíduo, abrangendo tanto aspectos cognitivos quanto características afetivas, neuropsicomotoras e de personalidade. [...]” (OUROFINO ; GUIMARÃES, 2007, p.43). Não é por que um aluno tenha altas habilidades que o professor o veja sempre como indivíduo de maior facilidade e velocidade para compreender os conteúdos “[...] mas isso não ocorre sem um período de adaptação e adequação aos conteúdos. O fato de uma criança ser brilhante não significa que ela pode - ou deve - aprender sozinha.” (SABATELLA; CUPERTINO, 2007, p.74).

Nesta perspectiva, é coerente destacar o que Alencar (2007, p. 15) afirma que “O termo superdotado sugere ainda a presença de um talento, seja na área musical, literária ou de artes plásticas. O denominador comum nessas diversas conotações do termo é a presença de um notável desempenho, talento, habilidades ou aptidões superiores.” Estes alunos são bastante suscetíveis a processos que se associam ao baixo rendimento de fatores primordiais como: fatores individuais, fatores familiares, fatores do sistema educacional e fatores da sociedade. “[...] Muitas vezes são alunos que abandonam o sistema educacional por desmotivação e por dificuldades de relacionamento.” (DELOU, 2007, p.27).



Renzulli mostra que há dois tipos de superdotação: Superdotação do contexto educacional e de criativa-produtiva.

[...] A superdotação do contexto educacional seria apresentada por aqueles indivíduos que se saem bem na escola, aprendem rapidamente, apresentam um nível de compreensão mais elevado e têm sido os indivíduos tradicionalmente selecionados para participar de programas especiais para superdotados. O segundo tipo de superdotação, a que se refere como criativa-produtiva, diz respeito àqueles aspectos da atividade humana na qual se valoriza o desenvolvimento de produtos originais. [...] (RENZULLI apud ALENCAR, 2007, p.21-22)

O Censo Escolar da Educação Básica de 2008 demonstrou um crescimento expressivo na realização de matrículas efetuada na educação especial em escolas do ensino regular. Em 2010 o censo escolar registrou mais de 700 mil matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, o que revela o desafio e as tensões crescentes na área da inclusão escolar, afetando inclusive as instituições técnicas e tecnológicas da rede federal de ensino.

No que se refere ao processo de identificação da criança superdotada Guimarães e Ourofino (2007, p. 62) destacam que “[...] deve ser dinâmica envolvendo atividades elaboradas para produzir respostas criativas e alertar os professores para as possíveis áreas de habilidades e interesse do aluno [...]”. Assim além de identificar o aluno com altas habilidades ou superdotado, a criação de estratégias que possam ajudar e até mesmo equilibrar algumas áreas de conhecimento em conflito. A identificação “[...] só terá sentido se for possível oferecer também um conjunto de práticas educacionais que venham atender às necessidades e favorecer o desenvolvimento do aluno.” (GUIMARÃES ; OUROFINO, 2007, p.55).

Entre as estratégias educacionais adotadas para estes alunos encontra-se a aceleração “saltar de uma série ou mais” em um menor tempo para estes alunos com altas habilidades/superdotação constitui-se em uma das melhores medidas, porém as escolas dificultam ou até mesmo impedem usando de argumentos banais. Convém refletir sobre possíveis impactos psicológicos visto que existem argumentos que a aceleração seria uma medida de grande eficácia, porém “[...] pode provocar na criança sentimentos de isolamento e separação de seus amigos, causando insegurança.” (SABATELLA ; CUPERTINO, 2007, p.73).

Destarte, mesmo com escolas regulares de ensino “acessíveis” elas se tornam ineficiente se não tiverem um apoio significativo dos órgãos públicos. E os programas que priorizam as singularidades e peculiaridades educacionais destes alunos devem ser eficazes e cada vez mais inovadores.

[...] Quando o atendimento diferenciado não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com altas habilidades/superdotação é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos. (SABATELLA ; CUPERTINO, 2007, p.69)

4. CONCLUSÕES

As reflexões, ainda que incipientes, ora realizadas a respeito de alunos com altas habilidades/superdotação contribuem na superação de mitos sobre o potencial e metodologias educacionais sobre estes estudantes. Assim, é imprescindível em primeira instância que os professores sejam constantemente qualificados também para identificar diversas habilidades ou talentos, atuando na perspectiva de contribuir para formação técnica e humana.

E que em segunda instância, a família observe os detalhes e os pequenos aspectos que sejam precoces para a idade da criança e a estimulem. Com esta identificação o Brasil deverá organizar o seu sistema de ensino, priorizando políticas públicas que viabilizem para o professor uma base de



formação inicial e continuada especializada. Dando continuidade, que as escolas regulares da educação básica sejam aptas a dar condições de acesso, que assegurem a aprendizagem. Com estes e outros mecanismos será capaz de diminuir os constantes preconceitos a respeito não só das pessoas com altas habilidade/superdotação, mas de todos que estão na categoria da educação inclusiva. Necessariamente, não é somente identificar os alunos com altas habilidades/superdotação, é preciso estimulá-lo cada vez mais afim evitar um “desperdício” destes alunos, por exemplo, para o submundo da criminalidade. Enfim, para que igualdade na educação seja mesmo um fator de mobilidade social.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Indivíduos com altas habilidades/superdotação: Clarificando conceitos, desfazendo idéias errôneas. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: orientação a professores, 2007. p.13-23.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. Educação do aluno com altas habilidades / superdotação: legislação e políticas educacionais para a inclusão. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: orientação a professores, 2007. p.25-39.

GUIMARÃES, Tânia Gonzaga ; OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de. Estratégias de identificação do aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: orientação a professores, 2007. p.53-65.

OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de ; GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. Características intelectuais, emocionais e sociais do aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: orientação a professores, 2007. p.41-51.

PAULON, Simone Mainieri ; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca ; PINHO, Gerson Smiech. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. (48 p.). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaideinclusao.pdf>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2012.

Política de educação inclusiva. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12345&ativo=711&Itemid=709>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2012.

SABATELLA, Maria Lúcia ; CUPERTINO, Christina M. B. Práticas educacionais de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: orientação a professores, 2007. p.67-80.